



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 17 de Setembro de 2005 • Ano LXII • N.º 1605 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 256752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Setúbal

Somos família para os sem família

SENHORA doutora telefonou toda a manhã, querendo falar comigo. À hora do almoço consegui contactar-me. Era um caso urgente, de um menino, de 11 anos, que tinha nas mãos.

O pai do pequeno, com quem este vivia, habitava uma *roulotte*, vivendo em completo estado de degradação e andando alcoolizado em permanência.

A mãe, há muito que rejeitara o filho.

Encontrado nesta situação e passando fome, foi de imediato retirado de junto do pai, pelo Tribunal. Este encarregou a sua equipa Multidisciplinar de Apoio de encontrar uma instituição que acolhesse o menino. Foi aqui que nós fomos contactados.

Depois de terem obtido de outros um conjunto de respostas negativas ou adiadas, encontraram em nós vontade de acolher o pequeno abandonado, pobre e rejeitado, nesta nossa Casa. Ele era um dos nossos.

O alívio e contentamento provocado pela nossa resposta, da senhora, referida inicialmente, bem como de quem a acompanhava, foi enorme, reflectido em repetidos agradecimentos por nos dispormos a receber o pequeno. E ficou marcada uma determinada hora da tarde para o trazerem até nós.

O certo é que nunca mais tive-mos notícias, nem do pequeno nem de quem nos contactou. Estranho crivo que se anda a interpor entre nós e aqueles para quem existimos.

Outro caso. Há poucas semanas, recebemos um pedido para acolhermos um rapaz que tinha, disseram, 13 anos.

Combinámos que viessem com ele até Casa para um primeiro conhecimento, tal era a urgência que manifestaram.

A senhora assistente social veio trazê-lo, fazendo-se, também, acompanhar da mão do rapaz.

Afinal este não tinha 13, mas 15 anos. Era um rapaz já com muitas vivências, que estivera nos dois últimos anos com o pai, que o levava para o Algarve. Depois, encontrando nele um estorvo, foi colocá-lo numa tia que, por sua vez, o entregou à mãe, e desapareceu.

Pelas dificuldades que criava à progenitora e à vizinhança, vi-

nham tentar que o integrássemos na nossa Comunidade.

Um rapaz assim tão crescido, não tem já a maleabilidade mental e afectiva para fazer sua esta família e também de dar-se como membro dela. Não somos resposta, normalmente, para rapazes nesta fase de crescimento.

À medida que, repetidamente, casos semelhantes nos vão sendo propostos, vamo-nos convencendo que quem dirige os serviços das chamadas crianças em risco, nos quer reservar para casos como o deste rapaz.

A nossa resposta é a nossa razão de ser: somos uma família para os rapazes sem família, em que eles constroem a sua própria vida num ambiente de liberdade e responsabilidade e com oportunidades iguais às dos outros jovens.

Acreditamos que esta é a melhor forma de remediar as vidas das crianças vítimas de abandono e rejeição, no exacto momento em que essa situação se verifica.

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Mensagem sempre actual

O circuito dos nossos pediatras, este ano, desenvolveu-se por outras paragens: o Algarve, grande e cheio; gente de todos os lados, de dentro, de fora, com ofertas de lazer e diversão abundantes. Parece outro mundo! Ali, o discurso do «défice» esbate-se... Águas mornas de um horizonte infundamente azulado e luminoso, são também um bem precioso e necessário.

Foram dois fins-de-semana «esticados» tanto na estrada como na cidade. Portimão, Nossa Senhora do Amparo e Praia da Rocha, no primeiro Domingo de Agosto. Igrejas bem compostas de fiéis com Missas a horas convenientes. Há muita ânsia de escutar a Palavra de Deus. Nota-se motivação interior e o Padre Américo encontra terreno fértil, pois que a Palavra exige testemunho. O Padre Américo é, de facto, um profeta do nosso tempo, um grande testemunho de Deus e da maneira como a Sua Palavra pode guiar e transformar a vida do homem. É sempre oportuno recordar os fundamentos do seu profetismo: a humildade «mortos, aparentemente mortos... olha o grão de tigre morreu... depois, tanta flor, tanto fruto... quem ocasionou

tudo isso: a morte. Gosto desta morte porque espalha vida». Uma mensagem sempre actual; sei que o homem precisa de experimentar até ao fundo de si mesmo para crescer e amadurecer; para não cair no abismo. Esta abordagem é comovente e centra a Obra da Rua no seu viver de dor e glória, conferindo-lhe confiança e segurança face aos tempos que correm.

Ao longo de 13, 14 e 15 de Agosto, rumámos a Quarteira, Vila Moura e Armação de Pêra. Foram dias intensos e compensadores. Vila Moura denota um maior poder de «carteira e colarinho», embora saibamos que os mais ricos nem sempre são os que mais partilham. Assim, no final contámos notas de todas as cores e valores. O mesmo a respeito das moedas até ao cêntimo. De Vila Moura e Quarteira, 11.200 euros. De Portimão, 8.600. De Armação de Pêra, 3.700. Enfim, uma gota de água no oceano! Uma gota de água refrescante de amor, porque o que vale mesmo é o amor.

Um agradecimento muito especial aos padres que nos acolheram de coração aberto, como, aliás, é tradição. Também às Irmãs religiosas do Centro Paroquial de Quarteira, uma ternura!

Padre João

Malanje

Cantinho dos rapazes

ENCANTOU-me a disponibilidade de dois dos nossos rapazes, quando, há dias, lhes pedi para servirem numa zona melindrosa igual a sítio de tentações placa vermelha. Logo no segundo dia, um deles notou que faltava uma chave na referida praça — havia um furo! Rato manhoso e roedor tinha entrada franca... O que ele roeu não sabemos. Mas é da disponibilidade que vos falo. Prontos para servirmos a Obra onde fomos chamados.

Há sempre a tentação de nos servirmos a nós próprios: Primeiro eu, o meu livro, a minha roupa, o meu bocado... Que o

Continua na página 3

Praticando o Bem

A nossa biblioteca

NESTA rubrica publicou O GAIATO de 20 de Agosto, uma nota sobre as Bibliotecas nas Casas do Gaiato, a sua urgente necessidade, valor e, de como tem sido dinamizada, por um grupo de Professores da Universidade do Porto, a da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Em Lisboa, na nossa Casa do Tojal, os mesmos Docentes estão a instalar uma nova biblioteca nas salas do jardim infantil, hoje desactivado, por não termos crianças na idade pré-escolar, com a vantagem de este se encontrar próximo das casas dos rapazes, da escola, das salas de estudo, dos computadores e, assim, ao alcance

rápido e cómodo da rapaziada. O ambiente é esplendoroso!... Aliás, já era muito agradável, quando funcionava como jardim de crianças.

Na referida nota eu implorava aos nossos amigos Professores das Universidades de Lisboa que se juntassem a este grupo de colegas e viessem em nosso auxílio para poupar àqueles o sacrifício, as despesas da viagem e o tempo gasto.

Agosto é de férias. Talvez, uma altura mal escolhida para um desafio destes.

Estimulado por uma simpática carta da Directora Geral da DID, volto a repetir o apelo:

«Caro Padre Acílio.

Li com muito gosto o artigo 'A nossa Biblioteca' publicado no jornal O GAIATO de 20 de Agosto de 2005 da autoria de V. Exa.

Relativamente à informatização da Biblioteca, quero informá-lo que a minha empresa DID — Documentação, Informática e Desenvolvimento Lda., com sede em Lisboa, ofereceu há uns anos ao Padre Manuel Pereira Cristóvão o programa DocBase e deu formação a um jovem gaiato com a finalidade de informatizarem os fundos documentais da Biblioteca da Casa de Lisboa.

Verificando pelo artigo que é sua intenção reorganizar a Biblioteca, quero informá-lo que a DID está na disposição de voltar a oferecer o DocBase e dar algumas horas de formação ao jovem Bibliotecário que venha a ocupar-se do processo de informatização.»

Bonita carta!... — dirão os leitores... e nós também! — Muito consulados.

Contudo a Casa do Gaiato continua a ser como a definiu o Padre Américo, a grande seara onde crescem, lado a lado, o trigo e o joio. Nesta Obra nunca está tudo acabado nem bem. E, quando estiver, não será Casa do Gaiato.

O programa DocBase e o respectivo computador desapareceram, ou melhor, foram roubados, Senhora Directora!

Neste momento, não temos nada, a não ser vontade e decisão de pôr de pé não a mesma biblioteca que continua no seu lugar mas uma nova, em moldes actuais e o mais avançado possível.

Até o Bibliotecário, aí formado, já saiu para a sua vida! Iremos aproveitar o que pudermos.

Padre Acílio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PECADOS SOCIAIS — «A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) publicou uma carta pastoral, anunciada há dois anos, intitulada *Responsabilidade solidária pelo bem comum*. Trata-se de um documento em que denuncia os pecados sociais que caracterizam o nosso tempo e que têm a sua origem primeira 'no coração das pessoas', sem deixar de afirmar que há, em Portugal, sinais de participação solidária que importa implementar.

O documento, no fundo, é um expressivo e oportuno convite à reflexão, tendo por base os grandes princípios da doutrina social da Igreja. Lembra aos cidadãos a necessidade de participarem na construção do bem comum, o que exige uma nova responsabilidade moral na sociedade, uma confiança solidária e uma esperança renovada no nosso País.

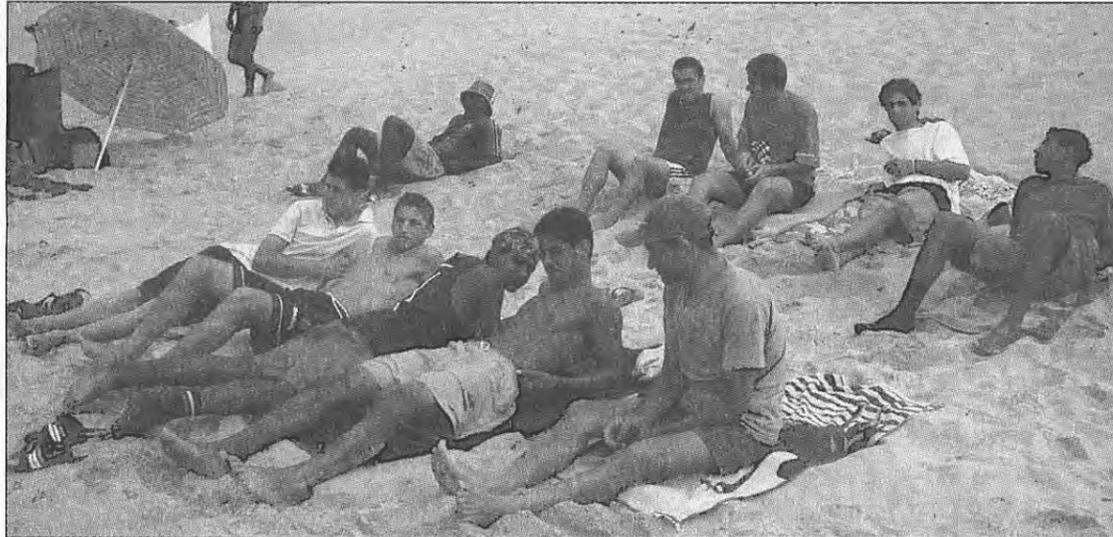
Os egoísmos individualistas, o consumismo, a corrupção, a desarmonia do sistema social, a exclusão social são os *pecados sociais* apontados pela CEP e que é preciso combater, rumo a uma sociedade 'mais justa, mais fraterna e mais solidária'. Nessa linha, 'interessa ver a crise ou as crises com olhar confiante, discernir os problemas com análises responsáveis e assumir atitudes participativas e construtivas do bem comum'.

Mas, se os pecados sociais são marcas indelévels do nosso tempo, os Bispos portugueses também reconhecem, nesta Carta Pastoral, sinais de participação solidária, que convidam a alimentar a esperança como dinamismo gerador de uma nova atitude de empenhamento na comunidade. E deles destacam uma nova atitude perante os problemas sociais, expressa no discernimento crítico, na denúncia e na participação nas soluções, na tomada de consciência da sociedade como comunidade cultural e na promoção de todas as formas de educação».

PARTILHA — A assinante 22890, de Rio de Mouro, presente com 50 euros e uma carta muito rica: «Como sempre, neste mês de Agosto, não posso deixar de me lembrar dos meus irmãos mais pobres, pela seguinte razão: primeiro, pela saudade imensa de sete anos de viúva, ao qual devo esta sorte de me poder lembrar dos que menos têm. O meu marido foi sempre pessoa que lutou para que eu não ficasse em má situação. Lembrei a sua alma e bem assim pelo seu próximo aniversário que tanto devo ao Senhor pela protecção imensa que me tem concedido na minha vida!»

De Cacém, a assinante 55729: «Com gratidão, envio 40 euros pela vossa obra e pelos Pobres».

Outra presença assídua, o assinante 9790, de Perosinho, com um cheque de 100 euros, «pequena ajuda, em cheque, recordando todos os irmãos que se empenham em debelar os terríveis incêndios que



Azurara — Um grupo dos nosso «craques» em férias junto ao mar.

lavram por toda a parte, em especial no nosso País. Peçamos também por todos os que ficaram feridos e os que perderam os seus haveres. E, (muito bem!) aos sacrificados Bombeiros e a todos os que acompanham no seu trabalho. Que o Céu se abra para eles e nos dê tempo favorável à extinção total dos incêndios».

Da Cidade do Porto, a assinante 7769, que aqui nos surge várias vezes durante o ano, agora com 200 euros «destinados à ligação de água a quatro moradias do Património dos Pobres», cujo serviço está a ser feito por amor aos Pobres. A verdade é que nós temos procurado, consoante as possibilidades, dar-lhes o que toda a gente precisa: água e luz.

A assinante 66840, de Águeda, põe a assinatura d'O GAIATO em ordem e lembra a nossa Conferência.

O assinante 63082, de Pontinha — Lisboa, com 150 euros, dos quais uma boa parte se dedica aos Pobres da nossa Conferência: «Agradeço o vosso Jornal, do qual tenho tirado grandes lições. Pois envio um pequeno donativo, metade da minha pequena reforma. É um agradecimento a Deus, nosso Pai, que tanto me tem dado e tanto agradeço por tudo. Peço desculpa do meu donativo ser tão pouquinho, visto que Deus dá para mim e todos os meus os nossos anseios e quero pedir desculpa pela letra e não saber conduzir a carta».

Em nome dos Pobres, muito e muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — AZURARA — Acabaram as férias desportivas. Vamos começar com os treinos para prepararmos a época 2005/06. Se bem que ela já começou na praia para este turno, que agora acabou. Eles não gostam de estar parados e, como tal, há que organizar torneios de Futebol de Praia por mesas. O primeiro a ter a ideia, foi o Agosti-



David Oliveira, neto do Rui «Pequeno», residente em Pardilhó — Ovar.

nho, mas as coisas ficaram só por um jogo. A mesa dele perdeu e o torneio acabou. No entanto, não demorou muito tempo, porque o «Gaivota» lançou a ideia de novo evento e, agora sim, foi avante. Depois dos respectivos jogos, ficou assim ordenada a classificação: 1.º mesa do Serafim; 2.º do Patrick; 3.º a do «Russo» e em 4.º lugar ficou a do Paulo Jorge. Foram entregues as taças que com certeza irão ser guardadas para recordação!... Todo o torneio correu muitíssimo bem, como, aliás, todos se portaram lindamente durante este turno, que ao fim ao cabo é o mais importante. Houve respeito uns para com os outros e cada qual fazia as suas obrigações sem «resmungar». Com o Rogério a comandar as «tropas» e D. Adelaide a governar; dois grupos de cozinheiros: Serafim/Erickson e Teixugueira/Gaivota a dominarem as andanças da cozinha; e ainda por cima com o Padre Manuel Mendes a trazer uns euritos para eles tomarem um café..., durante o tempo que aqui estive, não houve qualquer problema. Houve tempo para dormir, passear, jogar a bola, ir à praia, fazer boas partidas de bilhar e de matreco no nosso salão, ver televisão, ouvir música muito baixinha (isso é que era bom!), e até para irmos ver ao Estádio dos Arcos, em Vila do Conde, o Rio Ave-Guimarães com bilhetes gentilmente cedidos pelo clube da casa.

O tempo também convidava a ir um pouco mais cedo para a praia, mas o sono pesava mais do que devia. Bom!, estava tudo de férias, e

cada qual procurava gozá-las à sua maneira, sem perturbar o ambiente. O importante é que todos se sentissem bem, e isso foi uma realidade. Mas, na última semana, convidei-os a ir à praia mais cedo, ao que todos corresponderam prontamente, acabando por tirar o primeiro lugar das actividades. Havia grupos organizados para correrem de Azurara a Mindelo pela praia e vice-versa, como por exemplo: Teixugueira, Erickson e «Gaivota»; «Russo» e Tó-Zé; Rogério e «Russo»; Feijão, também fez a sua parte; Ricardo Filipe e o seu grupo e muitos outros.

Conclusão: Quando todos colaboram e sabem ocupar o seu lugar, está visto, que tudo corre bem! Foi tempo de verdadeiro sossego, para recuperar as energias perdidas durante o ano. É pena que seja só nesta altura!...

Alberto («Resende»)

Setúbal

OFICINAS — Já reabriram as nossas oficinas em Setúbal. O «Joãozinho» e o «Fabinho» foram, de novo, aprender para a serralharia. As nossas oficinas de carpintaria, serralharia e tipografia estão abertas para qualquer pessoa que queira encomendar algum trabalho.

VACARIA — Nasceram mais duas vitelas e um vitelo. O rodo de limpeza do lado das vacas leiteiras já está arranjado. Veio uma carrada de material para a ordenha, oferecido por senhora nossa amiga. O Miguel, que é o responsável da ordenha, ficou muito contente.

OBRAS — Fizemos novos roupeiros para a casa 2. Também pintámos os quartos. No nosso Lar de Setúbal colocámos azulejos e pintámos as paredes do refeitório e cozinha.

MÚSICA E DANÇA — Temos novos rapazes a aprender a tocar instrumentos musicais no Conservatório. São eles: o Marco Aurélio, o Abel e o Rodrigo. Na Academia de Dança Contemporânea continua o «Santiago», o Ailton e o Ivanoel.

ESCOLA — O Hélder terminou o curso de engenharia do ambiente, estando já a trabalhar. Desejamos-lhe muitas felicidades para a sua vida profissional e que outros rapazes sigam o seu exemplo.

Sérgio

Miranda do Corvo

ANTIGOS GAIATOS — Realizou-se, à semelhança de anos anteriores, o encontro anual dos antigos gaiatos da nossa Casa.

Como sempre, realizou-se a um Domingo, para que haja maior disponibilidade por parte de todos e, também, mais importante ainda, por ser o Dia do Senhor, daí a Celebração da Eucaristia, por volta do meio dia. Depois, o almoço que, com muita pena nossa, não se realizou em conjunto, apesar de haver excepções.

De tarde, houve uma reunião de antigos gaiatos a que se seguiu um jogo de futebol entre as duas gerações. Mas, alguns antigos consideram-se mesmo «antigos» e não se dispuseram a pôr os pés em campo. Portanto, tivemos que ceder alguns dos nossos para que as equipas tivessem o mesmo número de jogadores.

Foi um jogo bem disputado, com um árbitro sempre distraído e a dar indicações de jogadas à equipa dos actuais gaiatos. O resultado é o que menos interessa, pois o objectivo é o convívio, quer dentro do campo ou na piscina, para onde se seguiu após o jogo, ou na mesa, à hora da merenda, preparada pelas mulheres dos antigos gaiatos.

Todos agradecemos este alegre convívio e que para o ano haja mais participantes nesta que é a vossa e também nossa festa.

OBRAS — Continuam no Lar de Coimbra, mas há quem pense que vai ser complicado ter tudo arrumado para o arranque do novo ano lectivo. Por Miranda do Corvo também se vão fazendo algumas. Depois de pintar a zona das oficinas, que não ficou concluída, o Emídio fez uma escada de acesso ao pombal e tapou a porta do pombal de cima.

ANIMAIS — O Zé «Pinóquio» mais um rapaz foram a Chans, Leiria, buscar um porco, mas este é muito pequeno para fazer o serviço que se pretende dele, que é substituir o varrasco que, há cerca de seis semanas, foi capado. Ainda esta semana, o Pedro Caldas e um grupo de rapazes mataram e desmancharam uma porca para que não faltasse carne na festa dos antigos gaiatos.

AGRICULTURA — A cebola, este ano, não deu grande quantidade. Portanto, teve que ser apanhada à mão para evitar estragar mais.

As uvas já estão boas. Portanto, começaremos a apanhá-las para dar como sobremesa. Este ano, fizemos duas sementeiras de feijão. A primeira já deu o que tinha a dar, hoje estão a tirar os canos de suporte. A segunda começa agora a rebentar.

Adriano

Malanje

Continuação da página 1

digam as colheres que sabiamente deslizam pelo arroz até chegar à rodela preta de chouriço... Todos distraídos e a colher não falha.

Servir os outros, na nosa Casa, é uma obrigação, sobretudo a partir dos chefes. Estes não devem ficar apáticos e neutros perante as fraquezas ou maldades dos outros. Marcar posição, tomar decisões — embora custe e cause ferida.

— Foste à cidade sem licença!

— O chefe x também foi e

vem quando lhe apetece — respondeu.

— Vieste tarde ao pequeno almoço!

— O chefe y ainda está na cama — disse.

Servir implica o bom exemplo. Quando este falha, lá se vai a autoridade.

Esta luta contra o «eu» tem que ser quotidiana. Pensemos sempre nos outros. Sejamos solidários.

Já vos contei a história da castanha que encontrei no bolso, a entreguei ao que estava ao meu lado e ele, em silêncio, a repartiu por todos!

O «Russo», não sei porque artes, tem a carapinha russa — daí o nome.

Há tempos, pediu-me para pintar o cabelo. «Não faças isso, todos te vão chatear» — respondi.

Importante para ti é mudares o teu comportamento: o teu estudo; o gosto ao dedo por aquilo que é dos outros; o gasóleo que, há dias, tiraste do tractor e foste esconder no capim; e ficamos por aqui, está? E sabes?, a tua carapinha até é bonita... Tem cor de mel de amendoeira.

Quando eu for a Portugal vou trazer-te um frasco.

Sorriu.

Padre Telmo

Correspondência dos Leitores

A 'candura' dos técnicos

«As minhas saudações e os votos de saúde e muita coragem para carregarem a cruz que por opção escolheram, mas que por ignorância de uns, maldade de outros e má fé de uns quantos, fazem questão de vos tornar mais pesada.

Quando vejo na televisão a 'candura' com que pessoas, que se apresentam como técnicos/las de educação da infância e adolescência, a condenar o trabalho realizado pelas Casas do Gaiato, em favor das crianças, que por vários canais lhes vão parar, sinto revolta.

Será que alguma vez quiseram constatar, in loco, como se educa e ensina a ser gente crescida, preparados para a vida de trabalho e a libertar-se dos traumas que uma filiação sem pais tenta marcar para quase toda a vida?

Vê-se o exemplo que vem das casas estatais... São mesmo modelos a imitar!

Já vou longe na divagação. (...) O Deus Menino ilumina todos aqueles que de coração sincero O acolhem, hoje e sempre, na pessoa do órfão, do abandonado, do rejeitado pela sociedade e de todos os que sofrem na carne, e também na alma, a desgraça que não pediram.

Não desanimeis, porque o Dono da Seara não esquece o salário dos seus operários.

Assinante 49400».

Tempo de inversão de valores

«Mais do que a minha oferta, envio a minha solidariedade. Essa, sim, é grande. muito grande, muito profunda e muito indignada.

Como se atrevem? Que mundo é este que só vê o argueiro que julga existir e não vê a tranca que todos vêem que existe?

Que tempo de inversão de valores em que o trigo é joio e o joio é trigo!

Mas, por Deus, lá virá o tempo da ceifa.

Até lá, vamos dando testemunho e abrindo os olhos aos que, não conhecendo, não sabem a verdade.

Assinante 21788».

Caminho certo

«Há muitos anos que essa grandiosa Obra vem construindo

HOMENS. Desde sempre para os rapazes que, pelas vossas Casas vão passando, aí têm encontrado um verdadeiro lar, onde conforme a idade e o percurso de cada um se vão construindo autênticos homens.

Não há instituições perfeitas, mesmo a instituição familiar natural, mas aí há amor. Ficamos consternados com as análises e as conclusões a que chegam alguns técnicos. Ainda não perceberam o que é educar.

Há sempre, como em tudo, que melhorar, mas a Obra da Rua está no caminho certo, porque é o do Amor.

Assinante 42318».

Reportagem a denegrir a vossa imagem

«Tive a oportunidade de ver e ouvir uma reportagem numa estação de televisão, que procurava denegrir a vossa imagem. Não vos importeis que 'os cães ladram e a caravana passa'. Nenhum dos vossos amigos, certamente, lhes ligou a 'mínima'.

Mas como a verdade vem sempre ao de cima da água, como o azeite, na dita peça passaram imagens de organização, ordem, educação, espírito de entre-ajuda que a famosa 'Assistência Social sem rosto' não tem para nos dar.

Se a dita fiscalização feita pela Assistência Social se virasse para os rostos das suas assistentes, tão cheias de si que agora se querem tratadas por doutoras, olhassem para as 'cavalidades' que fazem, como entregando uma bebé de 2 anos ao pai, retirando-a da instituição que a criava, para ser morta pelo mesmo, fazia muito melhor. E se as ditas 'doutoras' que ditaram essa sentença, fossem julgadas juntamente com o pai e a madrasta, também lhes fazia bem e tirava, talvez, a empáfia de se julgarem superiores.

Como será a casa deles sem organização, sem participação de todos, segundo as suas capacidades?

Criando crianças que, por falta de ocupação que as preparava para a vida, andam no ballet, piano, judo, ginástica, natação, equitação, karaté... etc., que nunca irão utilizar na vida, nem as prepararam para nada? Ou simplesmente

os filhos não farão nada, senão criar vícios, incluindo o da internet, onde vão procurar tudo, porque lhes falta o carinho e a atenção dos pais?

Assinante 65094».

Obra de todos e para todos

«É sempre com enorme satisfação que, periodicamente, me dirigo a vós. Faço-o porque sei que através da Obra do Gaiato — uma Obra de todos e para todos — cada um de nós pode desempenhar, à sua medida, o trabalho de obreiro do Evangelho.

A dignidade desta missão evangélica não se esgota, contudo, só nos crentes em Jesus Cristo, antes é um desafio permanente para todos aqueles que se preocupam de uma forma serena e responsável com o sofrimento humano.

Cada vez mais sujeitos a filosofias de burocratização e tecnocracia do amor, como este pode-se depender destes princípios, a que alguns, decerto por desconhecimento ou falta de experiência de vida, chamam 'ciências modernas', é confortante encontrar locais como a Casa do Gaiato, autênticos oásis no meio da secura das estatísticas ou do que só tem valor o que é novo ou está na moda.

Conheço, minimamente, alguma coisa das Casas do Gaiato, através das diversas visitas que tenho feito às mesmas, sempre de uma forma discreta, mas atenta.

A diversidade de vida que existe em cada uma delas não se pode medir, por mais que sejam os critérios científicos para o conseguir, em toda a sua extensão.

Não digo que está tudo bem; não digo que não existem correcções a fazer, pois mal sinal seria se assim não fosse.

Mas, por outro lado, compreendo que não é fácil, para alguns, compreender elou aceitar a pedagogia que vem do Alto; da pedagogia que não tem regra nem deixa de as ter; de uma pedagogia que é para cada um no mais íntimo do seu ser e, ao mesmo tempo, para todos; de uma pedagogia que exige sem magoar; que responsabiliza cada um sem lhe tirar a vontade própria; que faz crescer sem diminuir aquilo que cada um quer ser.

O mundo precisa de homens e de mulheres de carne e osso, com sen-

DOCTRINA



Temos feito um «cristianismozinho» muito à nossa moda...

«SOU estudante. Tenho 16 anos. Tenho seguido a Obra com todo o interesse da alma. Tenho vibrado com ela. Tenho chorado por vezes. Como rapaz, desejava que todos os rapazes como eu conhecessem a Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Desejava que a pouco e pouco sentissem desanuviar-se-lhe o pesadelo das sombras da ignorância que todos manifestam em face a si próprios, em face dos rapazes que como eles «fazem parte da mesma Sociedade. Gostava de os ver diminuir distâncias...» Por isso tomo a liberdade de, com o máximo empenho, pedir que me enviasse a colecção completa d'O GAIATO. Ele virá completar, juntamente com o Pão dos Pobres, os efeitos benéficos da Obra neste cantinho azul do Algarve.»

É de Faro. Ali pertinho, o irmão do Infante Santo viu o Império português. Este moço de 16 anos sonha um Mundo Melhor: «Gostava de ver diminuir distâncias». Sim, meu Rapaz. Oxalá estes moços sejam o futuro. É precisamente no respeitar distâncias que elas podem e devem ser diminuídas. Mais respeito e menos ufanía. Não vamos passar a rasoira pelos homens e fazê-los todos iguais; essas doutrinas são balões de papel — ardem. Respeitar as categorias é maneira cristã de aproximar os homens uns aos outros. Nunca os olhos disseram aos pés que não necessitavam deles. A diversidade de membros que são mais fracos parecem ser os mais necessários; e os menos nobres, aqueles que mais honramos. De tal maneira aproximados que, se algum padece, todos acodem por simpatia.

D. Amén. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

timentos e afectos e, nestes últimos, destaco o reconhecer o dom da vida para cada um de nós e sentir a necessidade de manifestar a gratidão por essa mesma vida, a começar por querer o bem dos outros, acima do nosso bem individual.

Seja capaz a Obra do Gaiato de enfrentar os desafios que lhe estão a ser colocados e que os mesmos se tornem motivo para buscar novos caminhos, novas soluções em que todos, nas suas diferenças, possam comungar da alegria em ver a esperança e a felicidade estampadas no rosto dos que mais sofrem.

Assinante 29146».

Homenagem à Obra da Rua

«Neste momento de dor e sofrimento por que passa a Obra da Rua, quero prestar-lhe a minha homenagem e agradecimento pelo muito que já fizeram às crianças e jovens que pareciam perdidos, mas que o vosso saber educar, cultivar e fazer Homens com H grande deu e continuará a dar lições de pedagogia e de psicologia àqueles que de 'canudo' em riste apontam erros que só eles e pouco mais vêem.

Continuem nessa luta que é de Cristo para os Rapazes, pelos Rapazes e dos Rapazes.

Que mais querem, se do Alto vem uma Luz que vos guia?

Assinante 25292».

Força para os combater

«Envio dois recortes do jornal Correio da Manhã sobre a 'suja' polémica levantada ultimamente sobre as Casas do Gaiato.

Se não se vislumbrassem, muito mal disfarçados, os ataques à Igreja e suas obras, que toda esta campanha claramente mostra, dava vontade de rir...

Realmente, perante a acção formidável e os resultados altamente positivos que a intervenção e os métodos do Estado têm mostrado na reinserção social dos jovens por eles acolhidos e educados em todo o País, não pode haver ninguém que deixe de lhes dar crédito...

Esses 'iluminados, cultíssimos, com uma vida prática plena de conhecimentos e teorias lindas' que continuam a privilegiar o facilismo, o desamor ao trabalho, o desrespeito, a indisciplina, como o melhor para educar crianças e adolescentes, ainda não terão visto para onde conduzem esta juventude e em breve este País?

E bombardeando-nos, do alto da sua cátedra com todos os canudos, bacharelatos, pós-graduações, colóquios e congressos com que tanto se preocupam e com que tanto se ocupam, não sentirão próximo o abismo para onde nos conduzem?

E não têm o mínimo respeito e o mínimo de gratidão por quem trabalha a sério e que mostra resultados tão bons e há tantos anos!...

Desculpem este desabafo, mas se algum consolo vos dará este meu sentir, creio ainda poder afirmar-vos uma coisa que de certo é do vosso conhecimento: Convosco está, de certo, a grande maioria do País!

Força para os combater!

Fico por trás, com as minhas orações, a pedir por todos vós!

Assinante 77013».

Moçambique

Formação dos rapazes e projectos a desenvolver

TERMINOU no sábado, dia 3 de Setembro, um Curso de Contabilidade que a empresa de consultoria KPMG ofereceu a um grupo de vinte e poucos dos nossos, durante seis semanas, com entrega de certificados de frequência e menção honrosa para os que mais se distinguiram, sobretudo para o Armando Paulo que atingiu a nota máxima, rara em classificações da Empresa. Logo que termine a décima, vai fazer um estágio e será apoiado até que, na Universidade, possa concluir o Curso Superior e ingressar na Empresa, se quiser. Os rapazes inventaram um teatro que exemplificou o que tinham aprendido e surpreendeu os Professores e o próprio Director e Quadros Superiores da Empresa. Ao final sentaram-se à nossa mesa num agradável convívio, onde transpareceu a satisfação do trabalho oferecido e o seu resultado. Ficámos penhorados com o incentivo e ajuda gratuita que a todos enriqueceu.

A partir de agora mais um que tem a sua vocação definida e meta garantida que vai ter de alcançar a todo o custo, sabendo já hoje que tem o seu futuro garantido. Como dizia, numa das crónicas passadas, está muito difícil encontrar colocação condigna para os que

enfrentam o mercado de trabalho. Com frequência telefona um ou vem por aqui outro a pedir ajuda, que mesmo estando colocado, o salário não dá. Outros falam da Massaca ou da entrada da fazenda e ouvem a resposta de que nem vale a pena chegarem aqui acima. Já houve até dois a quem foi oferecido trabalho e para nossa surpresa não aceitaram, porque fazendo biscates ganham mais, embora nem todos os dias tenham de fazer. Compreendemos as suas necessidades momentâneas, mas também nada mais lhes podemos oferecer, além daquilo que lhes foi dado aqui em Casa, enquanto cá estiveram.

Mas custa muito vê-los regressar à cidade, sem sequer uma ajuda para o transporte. Sinto-me um pai amargurado, ao fim de tantos anos, vê-los meio abandonados na sociedade. Acredito que após uma viagem, que hoje não é barata, não receberem daqui mais do que a refeição, se vieram a horas dela e ouvir uma resposta negativa, se vão embora desolados com o acolhimento. Mas que fazer, se também não temos?

O que nos dão para os projectos que estamos a desenvolver, é para outros mais carentes ainda e temos de prestar estreitas contas. Além disso gastamos em deslocações,

transportes de materiais da cidade para as obras, de conserto de máquinas, viaturas que avariaram nas péssimas condições de estradas e é preciso a deslocação do mecânico, à pressa e até fora de horas, para retirar o camião, já sem idade, para que ao outro dia se procurem peças e possa rodar de novo; trabalhos de oficina de serralheiro e electricista e um sem número de coisas que falharam na hora da requisição de materiais, e temos de reserva para as necessidades da Casa, tudo isso tem de ficar por nossa conta.

Há muito que o nosso salão de festas precisa de substituição de telha, porque a de barro parte continuamente, no tempo das chuvas. Mas há a Casa-Mãe. Fiquei aflito quando reparei, hoje, que é urgente levantar toda uma água do telhado. Já no ano passado a pouca chuva que caíu, obrigou a colocar baldes por todo o lado. Ansiamos por chuva tropical, que há quatro anos desapareceu destas terras, por isso consideradas de zona crítica de seca. Tanto pedimos a Deus que ajude a quem nos ajuda. «Deus aperta mas não afoga», como me ensinou, ainda no Seminário, um Pobre que visitava. Esperamos com Esperança.

Padre José Maria

Benguela

Pai incógnito

ESTÁ um dia lindo! A ternura dos mais pequeninos são a porção que cobre os momentos duros da nossa vida diária. Há uma palavra misteriosa, sim, carregada de mistério, que nos aponta o caminho da felicidade que buscamos: não vivas apenas para ti. A humanidade que és tu estás presente em todos os outros, mais perto ou mais longe de ti. Logo de manhã, ao sair do Calvário de agora, que foi o Altar onde celebrei a Eucaristia, dei com o mesmo Cristo que segurei em minhas mãos a pedir-me que O ajudasse na viagem para o hospital dos tuberculosos. Como podia dizer que não? Eu estava nele também. A humanidade dele é parte da minha humanidade. Somos membros do mesmo corpo. Se um sofre, como pode o outro ficar indiferente? Anda! Não fiques paralisado ou paralisada. Procura a vida. Dá para receberes. Morre pelos outros para teres vida. Mistério que se entende somente com a experiência. O amor gratuito é o segredo da plenitude da vida que se chama felicidade. És feliz? Sentes-te realizado e realizada? Busca. A vida é uma tentativa.

Os mais fracos, os mais pobres, os mais pequeninos, são o manancial inesgotável de riqueza humana para os que abraçam a pobreza no dom do que têm e são. Mais mistério! Não queres aceitar a proposta? Ando aflito com os

filhos de «pai incógnito». Não aceito este crime cometido contra vítimas inocentes. Vou lutar até onde puder. Passarei pelas autoridades que tutelam os registos de nascimento. Passarei pela polícia, se tanto for necessário. É um alerta contra a invasão da irresponsabilidade com o silêncio, tantas vezes comprometido também.

Estou a lembrar-me da campanha lançada, em boa hora, há muitos anos, pelo jornal O GAIATO contra os «pais incógnitos». Resultou, em parte, à face da lei. É uma injustiça que sofrem esses filhos, porque lhes é roubado o direito natural de nascerem debaixo do olhar do pai e da mãe, de crescerem do mesmo modo e receberem a educação com a porção de ambos. A maioria dos filhos que vivem em nossa Casa não conhecem nem viram nunca os seus pais. Mas não perderam o gosto nem o direito de os terem. Por isso, Pai Américo não quis outro modo de viver nas Casas do Gaiato senão o padrão familiar. É o nosso ideal. As Casas do Gaiato são, pois, o espaço privilegiado para a vivência da vocação paternal e maternal daqueles e daquelas a quem foi dado esse dom e o aceitaram até ao fim. E de que forma!

Dentro desta campanha, tenho à vista, de momento, cerca de quarenta crianças sem registo civil. Não vivem debaixo do nosso

tecto, mas partilham dos cuidados intensos que saem também do nosso coração. Pedimos às mães que se façam acompanhar dos pais. O registo fica por nossa conta. Doutró modo, nada feito. Tenho medo de que alguns pais estejam escondidos. As mães andam à luz do dia. Sabemos quem são. É preciso ajudar os autores a assumir a responsabilidade. Desta forma, estamos a trabalhar na educação e na promoção humana. São grãos de areia que trazemos para ajudar a resolver um problema de tamanhas proporções. É um investimento que fazemos. Sabemos, porém, o que estamos a fazer e para onde queremos ir. Sempre de mãos dadas com os mais fracos e abandonados.

Estamos com muita esperança. Ai de nós se assim não for! Hoje, de manhã cedo, apareceu o primeiro. O dia começou bem. Espero mais notícias ao longo da semana. Quando se ama, de verdade, há vontade de ir sempre mais além. As Irmãs que, pela graça de Deus, dão as suas vidas às crianças de que falei acima, no novo Centro Infantil, têm mais uma sala preparada, onde as meninas, que andam por aí, algumas delas ainda sem registo, aprenderão a arte da costura. Mais uma forma de as preparar para uma vida digna, ao lado das suas mães. A seara é tão grande e os trabalhadores e trabalhadoras são tão poucos! Será que ninguém deu conta da passagem do Senhor pela praça do seu coração, o centro da vida, a fazer propostas? Escutemos!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

O visitador do Pobre que também é artista, tem necessariamente de ser um crente. A sua linguagem há-de dizer que ele é da Galileia. A beleza da sua acção é polarizada no seio de Deus. Ele chama a todos irmão; e porque são da sua carne, tem pena dos mais desamparados. Como a galinha faz aos milhafres, assim ele dá sinal e quer defender os Inocentes debaixo das suas penas. Faz arte que comove e não obra que deslumbra, o visitador de Pobres.

PAI AMÉRICO

Utopia

DO que leio em dicionários e enciclopédias acerca desta palavra, depreendo que foi S. Tomás More, com o seu livro assim intitulado, quem a lançou no mundo do pensamento e da conversação, pelo menos a partir da Idade Moderna que começa no seu tempo. De facto, o significado imediato, substantivo, que aquelas fontes nos dão, é expresso por estas palavras ou equivalentes: «País ideal em que tudo estaria organizado da melhor forma para felicidade perfeita do Povo». É o País e o Povo que S. Tomás nos apresenta no seu livro.

Utopia vem do grego e é palavra composta de um prefixo que significa negação e do substantivo lugar: *não-lugar* — que nós entendemos por *lugar que não existe*. Mas nada no étimo da palavra repugna à possibilidade de que venha a existir. Nada que impeça a ambição e projectos de que o ideal seja alguma vez realidade consumada, ao menos em via de se consumir. Esta evolução depende dos homens, da sua voluntariosa determinação.

Terá sido a partir do século XVI, tempo do Humanismo Renascentista, que a palavra utopia se divulgou... Mas pode ela ter tido para S. Tomás uma inspiração bíblica, quem sabe senão o profeta Oseias, a quem Deus dita para seus filhos nomes de contradição: «Não-compadecida» ('porque Eu já não tenho compaixão da casa de Israel'), «Não-Meu Povo» ('porque já não sois Meu povo nem Eu vosso Deus') — quando, afinal, o desígnio de Deus manifestado pelos Seus Profetas é sempre de Salvação: «Os filhos de Israel não-de tornar-se numerosos como a areia do mar (...) e em lugar de se lhes dizer: 'Vós não sois Meu Povo', dir-se-á deles: 'São filhos de Deus vivo'» (Os, capítulos 1 e 2).

Com certeza a motivação de S. Tomás More ao escrever o seu livro não foi idêntica à de Júlio Verne ao conceber realidades plenamente fantásticas no seu tempo e que, entretanto, se tornaram realidades factuais —

suposta a genialidade que a ambos fez escrever.

Quando os dicionários usam o condicional para definir utopia, sugerem a respeito de S. Tomás More um pensamento futurível: *Tudo seria se fosse... mas não é!* Um homem de Fé da sua estirpe, até acreditavam nos homens e na sua capacidade para, com a Luz e a Força de Deus, realizarem (talvez em progressão continuada...) aquela ordem, aquela sociedade inteligente e feliz, que ele imaginou instaurada na Ilha da Utopia. Decerto ele pôs a sua experiência de vida e de homem de Estado ao serviço da imaginação, como quem cria um guião de uma acção possível que oferece como alternativa histórica aos homens do seu e de todos os tempos. «Não está a contar — leio na Introdução do seu livro — uma parábola dinamizadora nem a apelar para um mundo fantástico com leis diferentes do mundo real, para pôr a nú ou denunciar, por comparação com um estado de perfeição inacessível, a Inglaterra (e a Europa, acrescento eu) do século XVI. (...) Uma utopia é uma possibilidade que pode efectivar-se se forem removidas as circunstâncias obstantes, circunstâncias ao alcance da acção transformadora dos homens».

Portanto, é na determinação dos homens que está o poder de transferir o senso que geralmente se tem da palavra utopia — «quimera, fantasia, algo de irrealizável» e dos seis consequentes adjectivos que comumente se usam com ironia qualificando de ingenuidade pessoas e ideias — para uma *sabedoria* da qual, sim, andamos longe, porque à Idade do *Homo Sapiens* já chegámos, mas não ainda à do *Homo Conscius*, aquele homem para quem conhecer começa por conhecer-se; e deste conhecimento verdadeiro parte, sincera e humildemente para a reforma que o levará a saber com os outros (*côncio*, pois!) e a ser um servidor do Bem Comum, fundamento insubstituível de uma Sociedade perfeita e feliz.

Padre Carlos